

RESTAURANTE LITERÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Paulo da Silva Lima ¹
Daiana Lima de Araújo ²
Gildeane de Almeida Pereira ³
Luciana Jansen da Silva ⁴

Resumo

Partindo da perspectiva da formação leitora na escola surge este artigo que tem a pretensão de expor uma proposta de atividade de leitura que busca essencialmente res (significar) a prática do ensino de leitura na escola com base no letramento literário. Tendo em vista a repulsa dos alunos por atividades de leitura foi realizada uma oficina literária em uma escola pública do interior do estado do Maranhão, na qual foi construído um espaço criativo e acolhedor no intuito de fazer com que os alunos se sentissem motivados a ler. Para esta oficina, os alunos foram orientados a se servirem a vontade com os livros expostos no restaurante literário, em que além de lerem puderam interagir com os colegas através da atividade propaganda literária, também realizada no restaurante de livros. Assim, para este estudo utilizou-se como pressupostos metodológicos uma intervenção pedagógica através de uma pesquisa-ação, na qual os pesquisadores também atuam como personagens da pesquisa, analisando sua atuação como docente e pesquisador. Ademais, para compor o estudo teórico do assunto abordado, foi selecionado alguns autores que contribuíram na construção desta pesquisa, dentre eles Cosson (2018 e 2012), Cafiero (2005 e 2010), Street (2004 e 2014), Marcuschi (2008), e outros. Por

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão. Docente do Mestrado Profissional em Letras (Profletras). Atuou como orientador na construção deste trabalho. E-mail: paulodasilvalima@yahoo.com.br

² Professora da Rede Municipal de Açailândia estado do Maranhão. Tutora presencial curso de Letras-Faculdade Federal do Maranhão- Universidade Aberta do Brasil- UAB. Mestranda em Letras pelo programa de Pós-Graduação Profletras na UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), bolsista da CAPES, e-mail: daiana.letas@hotmail.com

³ Mestranda em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela FAPAF - Faculdade de Tecnologia Antônio Propício Aguiar Franco. Professora da rede pública de Ensino Fundamental. Bolsista pela CAPES. E-mail:

⁴ Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Maranhão, especialista em Gestão, orientação e supervisão escolar pelo Instituto Avançado de Educação Cultural, Pesquisa, Tecnologia e Meio Ambiente - IESPIMA. E-mail: lucianajansen@msn.com

fim, através da oficina notou-se que é urgentemente necessário incentivar nossos alunos a (re)descobrir a importância do hábito da literatura para a formação leitora e cidadã.

Palavras-chave: Formação leitora; oficina; letramento literário.

INTRODUÇÃO

A sala de aula, como o local primordial de acesso dos alunos ao mundo da literatura, tanto o sentido da leitura quanto da escrita. É na escola que muitos dos alunos têm seu primeiro contato com a leitura de textos verbais, o que assim, demonstra a relevância de propiciar nas aulas de português momentos de encontros entre livros versus estudantes.

É comum ouvir de alunos e até mesmo de professores, críticas e questionamentos quanto ao ensino de leitura em sala: enquanto os discentes culpam o ensino de português, revelando uma antipatia pelas atividades de leitura e escrita que são realizadas em sala de aula, docentes se veem despreparados e preocupados em como motivar os alunos ao prazer literário. Discussões como estas são frequentes dentro do processo de ensino e aprendizagem da língua, no entanto, pouco se busca ressignificar as práticas de ensino de Língua Portuguesa.

Desse modo, a partir destas discussões, buscou-se através de uma nova abordagem no ensino da literatura exercitar as habilidades envolvidas no processo de leitura e compreensão textual dos alunos, bem como, oferecer através desta abordagem os sabores e prazeres possíveis às práticas de leitura em sala de aula, sem relacionar essa prática a obtenção de nota, ou qualquer tipo de avaliação. Assim, o presente artigo é resultado da realização de uma oficina literária realizada em uma escola pública do interior do estado do Maranhão, com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I. Ademais, a criação da oficina literária motivou-se a partir da falta do hábito e gozo pela leitura visto na maioria dos alunos participantes da pesquisa.

Nesse sentido, buscou-se então, com a oficina propiciar momentos de deleite e prazer literário, em que os alunos não tiveram que se sentirem aprisionados a lerem somente os textos sugeridos pelo professor. Ademais, a aplicação desta proposta foi essencial para tornar significativas as práticas de leitura realizadas em sala de aula.

Por esse ângulo, este artigo tem a pretensão de apresentar uma forma diferente de incentivar à prática de leitura na escola, res (significando) o ensino de português, a priori, as atividades de leituras, além de propiciar aos alunos através de um evento lúdico, momentos de leitura, interação e prazer literário. A proposta então, findou-se com a

realização de uma oficina denominada “Restaurante de Livros”, na qual os alunos puderam se servirem a vontade com leituras de livros escolhidos por eles, bem como, degustarem os sabores deliciosos dos textos oferecidos no restaurante literário. Com a oficina, os estudantes puderam cumprir com a atividade de leitura proposta, sem a obrigação normativa que o professor exija que leiam, e/ou que façam uma atividade referente ao texto lido.

Assim, esta obra está dividida em sessões, em que na primeira parte é apresentado um esboço das discussões teóricas sobre temáticas relacionadas ao letramento, letramento literário, bem como, as atribuições da literatura na construção do leitor. Ademais, na segunda parte apresentamos os métodos utilizados para realização deste estudo, e relatos da experiência com a oficina. Na terceira parte, são apresentadas as considerações e contribuições dessa nova abordagem com a leitura para o ensino de português, e referências utilizadas na realização deste artigo.

Á vista disso, esperamos que possa se deliciar com a leitura deste material pedagógico, e que as discussões aqui apresentadas possam também influenciar na sua prática docente, não sendo este estudo uma receita pronta a ser seguida, mas um caminho possível para o desenvolvimento das práticas de leitura na escola.

2. LETRAMENTO E LETRAMENTO LITERÁRIO

As questões-problemas que abrangem o sistema educacional deveria desenvolver-se sempre em torno e em prol do aluno. Este que traz significado, percepções e compreensões acerca dos postulados abordados em sala de aula. Contudo, as dicotomias assumidas são envoltas de uma rigidez do sistema, relacionados continuamente pela cultura dominante. Uma tentativa de manter a estrutura simbólica do poder, ampliando dessa forma um tipo único de letramento na rede escolar.

Estrutura essa que celebra as características hegemônicas do povo, tanto em relação aos conteúdos programáticos como aos aspectos sociais que permeia o ensino. E esses aspectos que são representados em sala de aula, torna o nosso aluno pertencente somente de uma verdade. Premissa que nega o outro, o contexto social do aluno. Já que os conteúdos são relacionados com as metas educacionais supostamente enfatizadas à volta de um cenário social que sustenta a exclusão.

E o que seria necessário seria um ensino sustentado pelas práticas sociais do aluno. Em que os conteúdos escolares fossem interligados com a vida social deste, e que a leitura não fosse apenas justificção para uma alfabetização. Concepção reiteradamente enfatizado por Street (2004), “Letramentos não escolares passaram a ser vistos como

tentativas inferiores de alcançar a coisa verdadeira, tentativas a serem compensadas pela escolarização intensificada.” (p. 121)

Para justificar tais questionamentos, temos o letramento autônomo, conceitualização de Street (2014) como letramento constituído por uma relação social fundamentada em posições e pensamentos que sistematiza o sujeito como único, uniforme, isto é, um sujeito homogêneo, a assumir uma identidade fixa e socialmente estabelecida com base nas relações de poder, quer dizer, a rejeitar as características linguísticas e sociohistóricas como forma de posicionar o sujeito a um ensino descontextualizado do seu cotidiano. Como argumenta o autor, “[...] os povos locais têm seus próprios letramentos, suas próprias habilidades e convenções de linguagem e suas próprias maneiras de aprender os novos letramentos fornecidos pelas agências [...]” (Ibidem, p.37).

E o cerne de nossa pesquisa tem-se a compreensão nas concepções do letramento ideológico, letramentos no plural, pluralidade; não existe uno letramento, visto que, consideramos as identidades relacionadas a cultura, posição étnico-racial, ou ainda representações quanto ao lugar de fala⁵, ou em articulação ao gênero ou princípios religiosos. Ou seja, nossa preocupação não é exclusivamente inquietações conteudistas, mas sim, as variáveis possíveis. Só podemos compreender o ensino pelo viés ideológico, a considerar o aluno como um sujeito múltiplo, heterogêneo, que existe em um determinado contexto, e em diferentes níveis ele se adapta e se modifica. Assim aponta Street (2014) “[...] Tem-se reconhecido com frequência que as pessoas absorvem práticas letradas em suas próprias convenções orais, ao invés de simplesmente imitar aquilo que foi trazido” (p.37).

A teoria do letramento de Street (2004) reconhece a marginalização ofertada aos alunos que não conseguem alcançar a meta educacional proposta pelo sistema governamental, e nós reconhecemos que existe a grande divisão⁶ na sociedade, e consequentemente no meio escolar. O que torna o ensino metódico e avaliativo, centrando

⁵ Concepção enfatizada por Ribeiro (2017), “[...] é possível falar de lugar de fala a partir do feminist standpoint: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras mas de poder existir. Pensamos no lugar de fala como refutar historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.” (p. 66)

⁶ Segundo essa teoria, Street cita a divisão que existe em sociedade, os iletrados e os letrados. Essa concepção valoriza a escrita em relação a fala. Assim, o sistema escolar e a sociedade acabam excluindo o aluno por ser julgado apto ou não por um único fator de aprendizagem, limitados apenas a uma minoria dominante.

sua importância quase exclusivamente a escrita, ao escrever correto. Não que seja uma perspectiva para ser abandonada na sala de aula, mas não deve ser a prioridade do ensino de língua portuguesa.

Um dos aspectos do ensino nestes domínios, é a literatura tornar-se pretexto para o ensino da gramática. A leitura não para deleite, reflexão e construção crítica de pensamento, sendo exclusivamente um artefato para um melhor desempenho do aluno na escrita. Pois nossa língua, “[...] é um sistema simbólico ligado a práticas sociohistóricas e não funciona no vácuo. [...]” (Marcuschi, 2008, p. 229).

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos (KLEIMAN, 2007, p.4).

Assim, a percepção construída acerca das “[...] concepções dominantes de letramento [que] são construídas e reproduzidas de tal maneira a marginalizar as alternativas e, [...], a controlar os aspectos cruciais de linguagem e pensamento.” (STREET, 2014, p. 121) necessitam desconstruir o sistema da verdade única. Conhecer um ensino voltado para o ensino da língua em si, porém, aliado às experiências e vivências do aluno.

É por isso que desenvolvemos nosso projeto como “[...] um conjunto de atividades sociais e históricas e não como um sistema apenas.” (Marcuschi, 2008, p. 229). Construir a leitura não por rigidez, força, obrigação, e sim, pela base sólida do gosto, do prazer, da diversão. Por essa visão, Cafiero (2005) afirma o seguinte quanto a leitura; “[...] é um processo que exige que o leitor estabeleça relações complexas entre aquilo que ele decodifica e os diversos tipos de conhecimentos armazenados em sua memória ao longo de suas experiências.” (p.16)

É exatamente nesses termos do letramento ideológico que trouxemos a nossa pesquisa outra noção teórica, a perspectiva do letramento literário. Uma vez que, consideramos substancial a associação da linguagem ao social, da escola e sociedade, do eu ao outro, do múltiplo. Por isso, atribuímos as diferentes possibilidades da leitura ao ler por prazer, uma leitura com significado, uma consciência linguística e social reaparecendo num espaço de interação do livro com o leitor, sem obrigações, ou operações que instiguem o reforço da classe hegemônica, em ler somente para aprender algo; como se todo o contexto fosse exclusivo de uma performance de operação mental

metódica. Já afirmava Lajolo (2008) “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.” (p.15)

Nesse sentido, pode-se acrescentar que um resultado favorável ao ensino de literatura, ao gosto por ler, depende da atuação incessante do professor-formador para ressignificar as leituras do educando. Isto é, “[...] possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (Rojo, 2009, p. 11)

Desconstruindo assim, as formas fixas do fazer-se ler. Ler para responder determinado questionário, ou ler para preencher normas gramaticais de exercícios ou ainda, ler para desenvolvimento de uma atividade isolada, sem objetivos e planejamento. Pois, para o processo de leitura com base nas atividades languageiras dos alunos, torna-se necessário, desenvolver em sala de aula situações interativas em que a linguagem não seja somente um ato linguístico, mas social. Em que a leitura seja um alicerce a identidade do sujeito, que ele se reconheça na narrativa. Afinal, é no funcionamento da linguagem, seja na leitura ou escrita, que o aluno cria ou recria seu pensamento e torna-se independente diante dos mecanismos de poder.

[...] formar uma comunidade de leitores que, como toda a comunidade, saiba, reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo. (COSSON, 2018, p.12)

Isso quer dizer que, quando o aluno encontra sentido na leitura, este concebe a mesma como expressão de vivência, sentido. Elevando-o a outros níveis linguísticos e sociais. Uma possibilidade e realização constante de aprimoramento e produção textual. Ou seja, o processo interacional do leitor e o texto proporciona uma experiência muitas vezes contestada e inexistente na sala de aula. Ler por fruição. Pois a literatura, não é uma simples expressão singular, ela “[...] diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado; ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.” (Cosson (2018) p. 17)

E essa integração social, é a literatura significando as práticas sociais dos alunos, uma unidade múltipla de identidades em construção discursiva-linguística e social, sem sujeições e imposições. Todorov (2014) argumenta, “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.” (p. 76). E a questão central é; como trazer o meu aluno para o processo

da leitura. A resposta está no nosso projeto, a junção da leitura e prazer, contexto e sociedade e as diversas identidades.

Muitas vezes o aluno até consegue decodificar uma página inteira de texto, mas, quando o professor pergunta sobre o que ele leu, não é capaz de responder, porque não processou, não estabeleceu relações. Aula de leitura, então, começa com o acionamento ou mobilização de conhecimentos anteriores do leitor. (Cafiero, 2010, p. 86)

Essa correspondência, construirá um sujeito disposto numa relação dissolvida em regras normativas, contudo, terá disponível também, diferentes perspectivas e correspondências em relação a leitura (texto) e o corpo social a qual pertence. Destarte, o processo de articulação é produzido graças as possibilidades que a literatura oferece para a construção do sujeito-leitor. Assim sendo, “[...] aceite a forte relação estabelecida entre o mundo e a literatura [...]” (Jauss, 1994, p. 81).

3. LITERATURA E CONSTRUÇÃO DO SUJEITO LEITOR

A escola é considerada o ambiente mais adequado para a formação do sujeito na sociedade atual. E é onde o conhecimento científico é ordenado. O aluno, sujeito participante, sempre foi o objeto de estudo central das teorias da educação, sendo ora passivo, ora ativo, ora participativo destas teorias.

[...] têm exigido que a escola contribua efetivamente para aumentar o grau de letramento de seus alunos. Isto é, para torná-los cada vez mais capazes de usar a leitura e a escrita em suas práticas sociais e não somente em tarefas escolares. Não basta apenas se apropriar da tecnologia da escrita, ou estar alfabetizado. (Cafiero, 2005, p. 09)

Assim, a leitura é um processo no qual se compreende a linguagem escrita e nessa compreensão estão envolvidos o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor suas expectativas e os conhecimentos prévios. Quer dizer, decodificação, não é somente ler, é compreender o todo, a partir de todas as singularidades que o rodeia, pois “[...] é um processo que exige que o leitor estabeleça relações complexas entre aquilo que ele decodifica e os diversos tipos de conhecimentos armazenados em sua memória ao longo de suas experiências.” (Cafiero, 2005, p. 16).

Quando o leitor se depara com um texto, ele recorre a tudo que ele conhece, como um encaixe de mundos, há um diálogo que se intercala organizando os dados. A literatura mescla esse processo, e o leitor dá sentido amplo as informações ilustradas pela mente, o texto tem sentido onde as informações se articulam e ganham de cada leitor importantes contribuições que enriquecem a leitura.

Estratégias da leitura é apreciar a manifestação literária, por partes de contribuições sociais, ou por, simplesmente da valorização da criatividade humana de

manter viva o prazer da diversão de ações literárias na formação do leitor. O leitor nas suas transformações diárias, tem na literatura o apoio relevante da arte escrita, as mudanças que guiam em diversificados espaços que elevam a capacidade mental e o interesse pelos textos fortalecendo o hábito da leitura.

Destarte, já afirmava Marcuschi (2008) é na interatividade com o texto, que o leitor produz sentido e se conecta ao mundo, ao outro. “O funcionamento de uma língua no dia-a-dia é, mais do que tudo, um processo de integração social. Claro que não é a língua que discrimina ou que age, mas nós que com ela agimos e produzimos sentidos.” (p. 163)

A literatura no seu conceito evidencia o leitor, e a formação de um sujeito leitor. A ação das instituições escolares é complexa quando deixam a desejar na educação, é interessante que aja uma concatenação para que não pereça as informações, é preciso criar uma relação entre professor e aluno que possibilite a resposta a espontaneidade da literatura.

Por isso, Bakhtin (2016) enfatiza a respeito da importância da fluência entre a língua materna e a ordem normativa, já que aquilo que aprendemos “[...] não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam.” (p. 38).

O sujeito leitor deve levar para a leitura suas experiências de vida sem restrições ao texto. Há ainda quem desfavoreça essa interação, o problema são os educadores que desestimulam o pensar e as outras interpretações do leitor, pois nem sempre o que o autor quis manifestar é o mesmo traduzido por aquele que ler. Em outras palavras, “[...] a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos” (GERALDI, 2005, p. 41)

O processo de interação entre o leitor e o texto está comumente ligado a um objetivo. Esse propósito se inicia a partir da extração de informações contidas no texto, podendo estar ligado a fatores da vida cotidiana e dos desejos da mente fantasiosa, conhecimento, informações básicas ou momentos de prazer são os mais procurados quando se quer saciar os objetivos da busca e compreensão da leitura.

As vozes que não calam permanecem na cabeça propagando a leitura, quando feita essa prática, o leitor já não é o mesmo, já passa a ter e vivenciar outras significações, outras verdades, outras subjetividades, outras possibilidades. A concentração favorece a saberes diversos, levando o leitor a lugares desconhecidos, o fantástico ou a realidade,

enchendo a bagagem de experiências enriquecedoras, e assim transformando o sujeito simples em um sujeito leitor.

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (Cosson, 2018, p.17)

A leitura literária constrói leitores críticos. Cada indivíduo é iniciado nas práticas de leitura fazendo uso do código da escrita, dos sons, das imagens, seguindo regras. A literatura abre mão dos ditos e proporciona a reflexão de fatos fictícios que se interligam com experiências de “Ser” - condição humana; na vida real. A despertar assim, no leitor a amplitude no olhar, nas reflexões e no fortalecimento do conhecimento, abrindo um leque para novas expectativas.

4. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos métodos utilizados no decorrer da pesquisa, inicialmente fez-se necessário a realização de leituras suscetíveis de obras que diziam respeito ao assunto abordado neste estudo, bem como fichamentos das teorias lidas, classificando esta fase deste trabalho como pesquisa bibliográfica, ou seja, pesquisa de bibliografias, de livros, artigos que contribuíram para embasamento teórico.

No que diz respeito os procedimentos técnicos da pesquisa, este estudo classifica como uma pesquisa-ação, visto que, os pesquisadores atuam na cena da pesquisa, em que os mesmos são também pesquisados. Para Thiollent (1985),

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (p. 14)

Nesta mesma discussão, Fonseca (2002, p. 34) classifica a pesquisa-ação como “[...] uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir de sua compreensão, conhecimento e compromisso para os elementos envolvidos na pesquisa”. Desse modo, os pesquisadores e também professores, foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, bem como, elaboração do projeto, visto que, os mesmos atuaram como personagens deste cenário fantástico da literatura.

Quanto ao lócus da pesquisa, foi acolhida uma escola da rede pública de Ensino Fundamental do Município de Vila Nova Dos Martírios, localizada no sul do estado do

Maranhão. Participaram então da oficina, alunos de uma turma do 4^a ano da referida instituição, com idades de nove a onze anos, entre meninos e meninas

Partindo inicialmente da proposta de ensino alçada nesta pesquisa, esta realizou-se por meio de uma oficina literária, o que para Candau (1995), “[...] a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências”. Assim, através deste espaço, os alunos foram convidados a participarem da degustação literária através do restaurante de livros, despertando assim, o gozo pela leitura e interação discursiva entre os alunos e professor através de rodas de leituras e conversas.

4.1 Restaurante literário: A oficina

Tudo iniciou-se a partir de algumas observações realizadas em sala de aula, o que constatou que maioria dos alunos não possuíam o hábito de ler, muitos relatavam não possuírem livros literários em casa, outros, negavam a realizar qualquer tipo de leitura *exigida* em sala de aula. Então surgiu a grande ideia de construir um espaço criativo e acolhedor no qual fizesse com que os alunos se sentissem motivados a ler. Ou seja, era preciso propor um encontro até então “romântico” entre a literatura e os estudantes, para que assim pudesse despertar o desejo, a paixão nos alunos pela leitura.

Lembramos então Ribeiro (2017, p. 18) que diz que “[...] o desenvolvimento das competências de leitura e escrita deve ser promovido na escola de maneira criativa, valendo-se de estratégias atrativas, interessantes, para o corpo discente.”. Desta forma, a oficina iniciou-se com os preparativos para a degustação literária, preparando um cenário bem sugestivo, o Restaurante de Livros, no qual foi montado ao ar livre da praça municipal que fica em frente à escola, lócus da nossa pesquisa. Posteriormente, os alunos foram convidados a realizarem uma visita a um restaurante, o que logo causou animação e curiosidade na turma.

FIGURA 01: Restaurante de Livros



Fonte: Capturada pelas pesquisadoras

Assim que chegaram ao cenário literário, era possível ver o brilho nos olhos dos alunos ao ver tantos livros acolhidos em um ambiente de degustação e sabores literários. A oficina inicia-se com uma roda de conversa exploratória entre a professora e os alunos, o que discutiram a importância da leitura. Assim, os discentes foram instigados a falarem sobre seus hábitos de leitura, onde a maioria relatou que lia apenas as leituras exigidas em sala de aula pela professora, e que não possuía livros literários em casa.

Posteriormente, houve o momento de contação de história realizada pela professora e também pesquisadora. Assim, foi escolhido a fábula *O roubo do poço da vida*⁷, para que os alunos possam adentrar ao mundo da leitura. No decorrer da contação, os alunos foram instigados a inferir sobre a história, o que foi possível constatar a participação voluntária da maioria dos estudantes. Ao término da leitura, os estudantes foram questionados sobre a água da vida que havia no poço, e que relação os mesmos faziam com o contexto em que viviam. Muitos puderam dar respostas do tipo:

A água da vida poderia ser o alimento que nos alimenta;

A água da vida é Jesus, que nos dá a vida.

O amor pode ser a água da vida, pois quem ama é feliz.

Após discussões, os alunos foram avisados quanto às normas de organização para o momento *self service* literário, no qual puderam se servirem a vontade com livros escolhidos por eles mesmos. Posteriormente, os alunos se posicionaram em suas mesas para o momento mais esperado: a degustação. Houve silêncio no local. Contudo, pôde

⁷ Ver anexo

perceber também a troca de livros entre os alunos, visto que muitos dos alunos ao término da leitura incentivavam outros colegas a lerem também aquele livro por considerar um texto interessante.

FIGURA 02: Self service literário



Fonte: Capturada pelas pesquisadoras

Diferente das outras aulas, todos alunos leram, e muitos puderam fazer rodízio, lendo vários livros. E que delícia foi. Houve também a participação dos moradores da cidade, que ao passar no local, curiosamente buscavam um livro, liam, ou ficavam a observar o desenvolvimento da atividade.

Ao término das leituras, chegou a vez de “pagar a conta”. Nessa atividade, os alunos teriam que escolher o livro que mais gostou de ler, e fazendo o papel de autor do livro teriam que realizar a propaganda do texto lido, apresentando as partes mais importantes da leitura, convencendo outros discentes a lerem também. Com essa atividade foi possível observar a interação entre os estudantes, visto que muitos dos alunos puderam fazer perguntas ou até mesmo dar uma opinião sobre os livros que eram apresentados pelos colegas.

Por fim, já em sala de aula, com intuito de avaliar o desenvolvimento e desempenho dos alunos com a oficina foi aplicado um questionário com perguntas fechadas, na qual os mesmos teriam que reagir com um *e-Moji*. Assim, os estudantes deviam selecionar o *e-Moji* de acordo a legenda:

| | | |
|---|--|--|
|  SIM |  EM PARTE |  NÃO |
|---|--|--|

Segue abaixo o resultado:

| QUESTIONAMENTOS | SIM | NÃO | EM PARTE |
|--|------------|------------|------------|
| Você gosta de ler? | 45% | 25% | 30% |
| Você tem gostado da oficina <i>Restaurante da leitura?</i> | 98% | 0% | 02% |
| Gostou das leituras realizadas? | 85% | 0% | 15% |
| Conseguiu compreender o que leu? | 80% | 0% | 20% |
| Conseguiu interagir com os colegas? | 95% | 0% | 05% |

A partir do questionário, é possível verificar o efeito provocado com a oficina, visto que boa parte dos alunos, inicialmente demonstravam uma antipatia pela leitura, mas que com a oficina foi possível construir de forma lúdica uma nova experiência literária, possibilitando o envolvimento e prazer dos estudantes pelos livros. É importante ressaltar, que em nenhum momento os alunos foram pressionados a ler, ou incentivados a lerem para obtenção de nota, pois o que alçamos foi apresentarmos um mundo da leitura prazeroso, democrático e autônomo, contemplando o processo de letramento literário dentro do espaço escolar.

No que tange a compreensão textual, a partir das observações no questionário vê-se que ainda houve um número de alunos que apresentaram dificuldades em compreender o que ler, o que denota a falta de hábito de leitura. Ademais, a maioria demonstrou ter conseguido manter a interação entre os colegas, enquanto, poucos ainda confessam haver uma dificuldade em estabelecer interação entre eles.

O que se percebe atualmente, na maioria das vezes, são as práticas mecânicas e insignificantes de leitura realizadas em sala de aula, pois, ao invés de aproximar, acaba afastando o aluno do mundo do letramento literário, logo, porque os estudantes são frequentemente submetidos a testes de leituras, a atividades de fixação, ou ao estudo maçante da gramática normativa. Desta forma, é imprescindível repensar na escolarização da leitura literária, e do ensino de língua materna nas escolas. Cavalcanti (2009, p. 28) complementa dizendo:

Os textos são apresentados de forma incoerente, são mesmo mutilados uma vez que pinça fragmentos das obras de grandes autores e, posteriormente, os leitores devem responder às questões de interpretação e gramática. Ora, isso é

uma violência contra a arte, contra o autor e contra a formação de leitores. Mas, ainda é assim que se tem feito.

Destarte, a leitura, em muitas das vezes, é utilizada como pretexto para responder a outros objetivos, que não seja o exercício de ler e/ou compreender. Em outras situações, o aluno tem contato apenas com os textos literários apresentados no livro didático, que por vez, de forma fragmentada, ou também, quando o professor escolhe os textos que devem ser lidos pelos alunos, restringindo os tipos de leituras que os alunos devem realizar.

Segundo Cosson (2012, p.115), “[...] “se estamos criando um espaço no qual os alunos estão lendo literatura com objetivo, precisamos resistir à tentação de avaliar a performance do aluno a cada momento ou valorizar com pontos cada atividade realizada.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim dessa abordagem, chegamos a conclusão de que é urgentemente necessário rever as propostas de ensino de leitura em sala de aula. Com a experiência do restaurante de livros percebemos a euforia e a interação estabelecida entre os alunos, em que ler naquele momento não foi visto como uma atividade exigida pelo professor, mas uma escolha determinada por eles.

Nesse sentido, muitos dos alunos não possuem o hábito de ler ou detestam as atividades de leitura propostas em sala de aula, logo por que na maioria dos casos os alunos são ordenados a ler para responderem a uma lista de exercícios de interpretação ou até mesmo de gramática. Escolarizar textos literários significa ir além da compreensão, mas na relação que a leitura faz com o mundo. Ler na escola, é também viajar, inferir, conhecer, é essencialmente compreender o mundo que nos cerca.

A nossa proposta não requer apenas construir o hábito de leitura, mas apresentar possibilidades no ensino de leitura. Contudo, é urgentemente necessário ressignificar as práticas de leitura nas escolas e que nós professores de língua materna estejamos preparados para as transformações da nossa prática docente, a priori, no exercício da leitura literária, propiciando e incentivando nossos alunos a (re)descobrir a importância do hábito da literatura na formação de cidadãos preparados para conviverem em sociedade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros dos discursos/ organização, tradução, posfácio e notas**. Paulo Bezerra- São Paulo: Editora 34, 2016.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor** / Delaine Cafiero: - Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, 2005. 68 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento) ISBN: 85-99372-14-9.

CAFIERO, Delaine. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Língua portuguesa: ensino fundamental. Brasília, 2010, Coleção Explorando o ensino, p. 85-106.

CANDAUI, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil. 3. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. – 1. ed. –, 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. – 2. ed. –, 7ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

JAUSS, Hans Robert; trad. Sérgio Tellaroli. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo – SP. – Editora Ática, 1994.

KLEIMAN, Angela. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. – 6ª ed. – 13ª reimpressão. São Paulo- SP. – Editora Ática, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. – 6ª ed. – 13ª reimpressão. São Paulo- SP. – Moderna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, Angela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **Oficina(s) do professor de Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?/** – Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROJO, Roxane (org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas./**– Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. – (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação./** V.; tradução Marcos Bagno. – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo;** tradução Caio Meira. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

Anexo 01

O ROUBO DO POÇO DA ÁGUA DA VIDA

Era uma vez uma floresta. Lá existia um poço de onde todos os bichinhos vinham matar sua sede, menos a dona onça, pois era inimiga de todos os outros bichos da floresta. Lá era o lugar onde todos viviam bem, brincavam ao redor do poço, cantavam, faziam festa, pois aquela água do poço dava vida e alegria a todos.

Quando a noite chegava e todos os bichos iam dormir, lá vinha dona onça beber da água escondidinha, pois aí dela... se os outros bichos a vissem ali perto do poço matariam a oncinha sem pena, nem dó... E assim eram os dias naquela floresta, durante o dia, todos ficavam ao lado do poço, assistiam às aulas ali, liam as palavras bonitas do mestre jacarezão e, quando chegavam à noite, todos iam dormir.

Mas naquela noite fria, onde o vento uivava, uma coisa diferente aconteceu?! O que será? Mas vejam só, o que é aquilo? Meu Deus, esse bicho horrível parecido com uma bruxa, quer roubar o poço da água viva? E agora? Mas povo de Deus, a coisa ainda pode piorar, vejam só quem vem lá pé até pé pra água beber?! A dona onça oncinha. Quando ela chega perto do poço, nossa que susto, ela dá de cara com o bicho furtador de poços da água da alegria. E foi nesse meio tempo que Lea lutou com o bandido furtador do poço... Vamos lá, Dona Onça, toma o poço desse ladrão! A o ataque, não tenha medo... Mas espera aí, ela puxou o rabo do bicho mau e ficou paralisada Gente... acho que ela congelou... Parece imóvel e lá vai o ladrão do poço embora... e agora? (A onça solta um grande rugido)

-Virgem Maria, que barulho foi esse? E foi aquela confusão, bicho acordando pra todo lado, dona onça só gritando, mestre jacarezão tentando acalmar os nervos da bicharada, foi quando deram pelo sumiço do poço.

Todos - Quem roubou, furtou ou levou o poço da água viva? Nesse momento todos os olhos se voltaram para a dona onça, que não falava nada, estava muda... E eles apontaram para ela. E foi aquela confusão de novo, queriam matar a pobrezinha, balançavam ela de um lado ao outro. Colocaram-na, então, num pau de arara para que ela confessasse ... só que nada, a baixinha não falava nada. Só apontava pra lá.

O mestre jacarezão tomou então uma decisão – jacarezão – Vou instaurar um CPI dos bichos para saber quem roubou o poço

Pintinho – Mas pra que CPI se a gente já sabe quem foi que roubou? Foi à dona onça e pronto. Vamos torturar para que ela confesse.

Jacarezão – Deixe de ser bobo, seu pintinho! Se ela tivesse roubado o poço o que estaria fazendo aqui em estado de choque? É claro que foi outra pessoa e temos que achar quem foi que roubou o nosso poço, pois sem ele morremos logo, é ele quem nos dá vida.

Foca – Mas tá na cara que foi essa aí, olha só as fuças dela, tá condenando-a.

Elefante – Eu também acho que foi ela e pronto e acho que a gente deve matar essa nossa inimiga, passar a faca no pescoço dela... sem dó e vê-la sangrar.

Lobão – Nó, gostei disso, muito sangue... eu sei como é!!!

Jacarezão – Vamos parar com isso, se matamos a onça como saberemos onde está o poço? A menos que um de nós o tenha roubado.

Lobo – Eu, heim, eu não, que isso: que absurdo... isso cabe até dano moral... baita de uma indenização, fica julgando a culpa nos outros que são inocente, eu sou inocente.

Jacarezão - Vamos fazer o seguinte. Vamos todos sair por aí procurando uma prova ...uma prova qualquer. Quem sabe não descobrimos o autor do crime? Todos saem cada um para um lado. Fica dona onça e o senhor jacarezão.

Onça –Ô, senhor jacarezão, muito obrigada por ter salvo o meu pelo, mas eu prometo pro senhor que não fui eu. Foi um bicho assim, mais ou menos do meu tamanho. Ele estava com uma capa preta e tinha um rabo comprido tanto que eu arranquei o rabo dele e joguei por aí. Se achar o rabo, vai achar quem é o culpado pelo furto do poço.

Jacarezão. Pois bem, dona onça samaritana, eu acredito na senhora e se estiver certa, eu darei da água viva do poço para que possa servir dela junto a nós. Agora eu vou procurar por esse rabo e descobrirei quem poderia ter feito essa maldade conosco.

O tempo passava e nada de encontrar o culpado. Os bichos estavam ficando doentes, porque sem a água da vida, eles começaram a se definhar, a enfraquecer, ficando todos e tudo muito triste naquele lugar e nada de achar o rabo do bicho que fez essa grande maldade com os outros.

Naquela noite, enquanto todos dormiam, dona onça pode ver o senhor lobão sair de fininho, depois ele retornou rapidinho bem mais feliz e forte...Também viu o senhor elefante se arrastando pelo grama e, mais tarde retornando com cara de assustado, e pode ver a foca, saindo de fininho sem fazer barulho e retornando só de madrugada... Ela então ficou desconfiada. Qual bicho teria roubado o poço e por que faria isso com os outros?

Logo que amanheceu, ela pediu ao senhor jacarezão que a deixasse ficar livre naquela noite, ela tentaria achar o poço, pois depois de investigada à cena do crime e os suspeitos, ela achava que tinha agora um motivo forte pra descobrir quem furtou o poço.

Naquela noite, fingindo dormir, todos os bichos suspeitos saíram novamente. Dona onça foi atrás. Achou então o rabo do suspeito, agora estava fácil ...era só encontrar o dono daquele rabo. Bem lentamente, devagar pé ante pé ela viu que a moita não parava de balançar, foi quando ela deu um rugido e a moita caiu, lá trás da moita estavam à foca e o elefante, namorando... Assustado, fugiram para bem longe.

Então, só restava um, onde estaria o lobão? O que será que ele estaria aprontando? Mas à frente, achou uma casinha e dentro dela... vejam só???Que alegria!! Ela encontrou o poço da

água viva e, quando ela foi correndo entregar o achado pra comunidade dos bichos. Vejam só quem apareceu? O ladrão do poço da água da vida! E agora? Naquela confusão, pega o poço daqui, pega o poço de lá, a onçinha começou a gritar por socorro para os bichos poderem ajudá-la... gritou, urrou ... feito louca, pois não estava dando conta de segurar, foi ai que todos chegaram, quase mortos pela falta da água da vida, mas vendo que o poço estava ali, e a vida poderia ser deles novamente, eles ficaram fortes e lutaram com o ladrão do poço.

Assim, unidos, todos conseguiram salvar o poço da água viva, mas quem seria aquele ladrão que furtou o poço? Vamos desmascará-lo? Gente, mas que coisa mais feia, se não é mesmo o lobão?! Mas seu lobo, por que roubou o poço que dá vida a todos nós? E o lobo disse:

Lobão – Não sabem que eu sou mau? Quem já viu ai lobo bonzinho? Eu queria é que todos vocês ficassem sem a água viva, é assim que o mal faz, mata a vida que existe na pessoa.

Foi então nesse momento que todos os bichos da floresta expulsaram o mal da vida deles pra sempre e celebraram com alegria a vitória da dona onça que de inimiga do povo, virou grande amiga. Que hoje vive feliz da vida, junto aos outros bichos, bebendo da água da vida.

Moral – Jesus é a água da vida, quando deixamos que o pecado entre na nossa vida ele nos rouba essa água e ficamos mergulhados no vazio, precisamos renovar nossos votos com Jesus todos os dias experimentando sempre de suas palavras que são água viva para nossa vida.

Autor desconhecido

ANEXO 02



